

# 170 → Representantes da nação indígena cobram devolução de terras na Comissão de Direitos Humanos da AL

## Índios maxacalis em guerra por território

LUISANA GONTIJO  
→ REPÓRTER

Dez representantes dos maxacalis, uma das quatro tribos indígenas que ainda sobrevivem em Minas Gerais - as outras são Krenak, Pataxó e Xacriabá -, enfrentam hoje, no cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mais uma batalha na guerra que persiste há 60 anos, pela devolução de terras suas tomadas pelo "homem branco". Eles participam, às 9h45, de audiência pública da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, que não contará, como esperado pelos índios, com a presença do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sulivan Silvestre.

Divididos, atualmente, entre os 2.302 hectares de terras da aldeia Água Boa e os 1.028 hectares de Pradinho, ambas nos municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, respectivamente, no Nordeste de Minas, os 873 índios da nação maxacali reivindicam a posse de outros 1.852 hectares situados no meio das duas aldeias. O direito a essas terras está garantido aos maxacalis na Portaria 317, assinada em 18 de agosto de 1993 pelo então ministro da Justiça, Maurício Correia, e homologada em outubro de 1996 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Até hoje, no entanto, os maxacalis são obrigados pelos fazendeiros instalados entre suas aldeias, nas terras que pertencem aos índios, a dar

longas voltas para transitar entre Água Boa e Pradinho. Hospedados, ontem, na sede do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em Belo Horizonte, os dez escolhidos para representar a tribo no encontro com o presidente da Funai informaram que costumam apanhar quando tentam cortar caminho pelas "fazendas". Eles apontaram o fazendeiro e major da reserva Manoel dos Santos Pinheiro, que seria o idealizador da Guarda Rural Indígena (Grin), que militarizou índios entre 1969 e 1972 sob o pretexto de prepará-los para a defesa de suas terras, como a pessoa que incitaria os outros fazendeiros contra os maxacalis.

A questão mais séria nesta história, no entanto, é outra. Na visão do integrante da equipe de base do Cimi Lutimar Rodrigues da Silva, que trabalha há seis anos com os maxacalis e convive com eles desde que nasceu, há 32 anos, a falta de dignidade a que estão submetidos é o que há de mais grave. "Reaver esse território que lhes pertence é crucial para a manutenção física e cultural desse povo."

O administrador regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, disse que estão no Departamento Fundiário do órgão os R\$ 450 mil para indenização das benfeitorias das fazendas, que devem ser desocupadas para a retomada das terras pelos índios. Ações que tramitam na Justiça Federal, movidas pelos fazendeiros, frisou Andrada, protelam o desenrolar da questão.

→ Fazendeiros protelam a devolução de 1.852 hectares com ações judiciais



Teatro: Maxacali recebem integrante da caravana de Cabral

### BH tem plano contra violência

Belo Horizonte ganha hoje um plano de combate à violência e ainda o Conselho Municipal de Defesa Social. O prefeito Célio de Castro, que participou ontem da abertura das comemorações do aniversário da Capital, destacou que os Direitos Humanos, que completam 50 anos de promulgação, e o fim da violência serão a tônica nestes 101 anos de BH. O símbolo desses anseios, a "Árvore da Esperança", foi instalada ontem no Mercado da Lagoinha. Entre os galhos em forma de braços, construídos de sucata de ferro, foram pendurados os desejos e esperanças da cidade, num trabalho que envolveu população de rua, doentes mentais e outros grupos organizados.

Célio de Castro explicou que o plano "BH Contra a Violência" terá início com um levantamento geral de todos os aspectos da violência na cidade. "Este trabalho deverá estar pronto em um prazo curto e oferecerá subsídios para uma política de combate à violência, a cargo do Conselho", acrescentou. Para o prefeito, o tráfico de drogas, o contrabando, os crimes contra o patrimônio e a pessoa, e ainda a violência contra as minorias, estarão entre as prioridades.

As comemorações dos 101 anos de BH foram iniciadas ontem, com a apresentação da peça "Cabral chega a BH", do

grupo de teatro da SLU, na Praça Vaz de Mello, na Lagoinha. A bordo de uma caravela de seis metros, construída com material reciclável, o personagem da história do Brasil visita Minas e se surpreende com a degradação dos rios São Francisco, das Velhas e Arrudas e aprehe novos termos como coleta seletiva. Membros da tribo Maxacali, que vieram a BH para exigir a demarcação de suas terras, também participaram e receberam a caravana de Pedro Álvares Cabral.

Mesmo com a chuva, grupos de terceira idade, crianças de várias creches e também moradores de rua só arredaram pé da Praça para seguir em caminhada até o Mercado da Lagoinha. O trânsito na Antônio Carlos ficou lento e vários trabalhadores saíram às ruas para apreciar a caravana.

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB - seção MG), a Fundação Movimento Direito e Cidadania, a PUC-Minas e a Faculdade de Direito da UFMG também realizam hoje um ato solene do Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com ampla programação, painéis e conferências, na Rua Albita, 250, Bairro Cruzeiro. A comemoração será tema de um concurso de monografias promovido pelas entidades.

### Alcoolismo mina a cultura

O uso do álcool pelos maxacalis está entre os assuntos que a Funai pretende abordar hoje, ao lado da questão fundiária, na audiência pública da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Os índios admitem que há o uso de bebida alcoólica entre eles, mas não concordam com as insinuações de que 90% dos adultos maxacalis seriam dependentes do álcool. O coordenador regional da

Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, faz coro com eles. "Os maxacalis não vivem de álcool todo dia", garante.

→ A bebida é a alternativa encontrada pelos índios para fugir ao abalo da auto-estima

Lutimar Rodrigues da Silva, da equipe de base do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), revelou que correm informações entre as aldeias Água Boa e Pradinho dando conta de que invasores teriam montado um verdadeiro alambique nas terras Maxacali, na década de 20. "O objetivo disso seria alcoolizar os índios, jogando-os uns contra os outros e desestruturando sua cultura para que lhes fossem tomadas as terras", argumentou Silva.

Para o integrante do Cimi, a bebida é uma alternativa encontrada pelos índios para fugir ao abalo da auto-estima e da dignidade causado pela perda da terra que pertenceu aos seus antepassados. Mesmo com tantos problemas, disse Silva, a natalidade é maior do que a mortalidade entre os maxacalis e eles sentem-se, a cada dia, mais apertados nos hectares que mantêm. Os invasores trouxeram consigo, prosseguiu Silva, o desmatamento e a destruição das fontes de água, retirando deles o sustento natural ao qual estavam acostumados.